

Capital

A ESCOLA



Estados Unidos do Brazil

Revista do Gremio dos Professores Publicos

— DO —

Estado do Paraná

REDACTOR-CHEFE :— Sebastião Paraná

ANNO I — Curitiba, Abril de 1906 — NUM. 3

PUBLICAÇÃO MENSAL



Assignaturas :

Anno 6\$000

Semestre 4\$000

Escriptorio e Redacção :—Rua Cabral n. 10

SECÇÃO PERMANENTE

Instrucção Publica do Paraná

Secretario do Interior : Dr. Bento Lamenha Lins.
Director Geral : Dr. Arthur Pedreira de Cerqueira.
Inspector da Capital : Dr. Sebastião Paraná.
Secretario : José Conrado de Souza.

Directoria do Gremio

Presidente : Francisco Guimarães.
1.º Secretario : Verissimo de Souza.
2.º Secretario : Lourenço de Souza.
Thesoureiro : Brazilio Costa.

O thesoureiro do Gremio acha-se á disposição dos srs. socios para o recebimento de suas mensalidades, nesta Capital á rua Misericórdia n.º 5.

Os membros da Directoria offerecem seus serviços aos srs. socios para o fim de receberem seus vencimentos.

Os srs. socios que quizerem utilizar-se desses serviços queiram enviar-nos procurações devidamente legalizadas, bem como instruções referentes á remessa do dinheiro.

Escolas publicas do districto da Capital, professores que as regem e logares onde funccionam

Cadeiras para o sexo masculino :

- 1.^a Brazilio Ovidio da Costa—Gymnasio.
- 2.^a Verissimo de Souza—Praça Tiradentes.
- 3.^a Lourenço de Souza—Praça Dr. Santos Andrade.
- 4.^a Julio Theodorico Guimarães—Escola Oliveira Bello.
- 5.^a Lindolpho P. da Rocha Pombo—Grupo Xavier da Silva.

Cadeiras para o sexo feminino :

- 1.^a Julia Wanderley Petrich—Escola Tiradentes.
- 2.^a Maria da Luz Ascensão—Rua Marechal Deodoro.
- 3.^a Esther Pereira—Rua Visconde de Guarapuava.
- 4.^a Itacelina Teixeira—Avenida Luiz Xavier.
- 5.^a Alexandrina Pereira—Rua America.

A ESCOLA

Revista do Gremio dos Professores Publicos do Estado do Paraná

O HEROE DOS HEROES



Na vida de cada povo destacam-se factos tão grandes, tão sublimes, que são verdadeiros marcos milliaros na historia da humanidade.

Brilham datas tão eloquentes, tão gloriosas, que nunca poderá apagal-as a esponja destruidora do tempo.

E' que ellas se ligam a nomes de Prometheus, immortalisados na historia, em cuja campã cada geração vai depor mais uma coroa de saudades, augmentando assim o esplendor da aureola que lhes circunda a fronte.

Estes dias memoraveis devem ser solemnizados com toda a pompa, porque, no dizer de A. Araripe, nada excita tanto o esforço do homem para o bem como a recordação das nobres acções dos seus maiores.

Supprima-se ás nações o conhecimento do seu passado, continúa elle, e teremos a humanidade sempre no berço da infancia.

E' pois, cheios do mais justo entusiasmo que devemos sempre commemorar o 21 de Abril.

Este dia para todo o sempre memoravel, marca a epocha mais gloriosa da nossa historia, epocha em que a briosa Minas foi o Thabor sagrado onde transfigurou-se o heroe dos heroes da Inconfidencia.

Naquelles tempos de obscurantismo em que pesava sobre o Brazil um duplo despotismo, qual mais feroz, o de Portugal e o da ignorancia, em que era um crime, não o falar mas só o pensar em liberdade, causa verdadeiro assombro o apparecimento deste vulto homerico, que, sentindo no peito a fragoa ardente do patriotismo, pretendeu quebrar os grilhões que arroxavam os pulsos de sua patria.

Embora sem instrucção, todavia naquelle grande cerebro, como por uma revelação, já brilhavam as idéas patrioticas mais adeantadas.

E' assim que elle não pretendia libertar-nos do cruel despotismo da metropole para sujeitar-nos ao não menos cruel despotismo dos monarchas.

Não! Elle pretendeu dar-nos uma verdadeira liberdade, proclamando no Brazil a Republica Federal.

Aquelle nobre coração de Nazareno, sacrario das mais acrysoladas virtudes, abria-se a todos os sentimentos generosos.

Por isso a sua primeira idéa foi a abolição do captiveiro, foi lavar essa mancha hedionda que tanto nos desmoralisava e nos rebaixava perante o conceito das nações civilizadas.

Mas, como diz Emilio Castellar, onde surge uma idéa levanta-se um Calvario.

Ao lado do vulto magestoso de Christo apparece o perfido Judas.

Ao lado de Tiradentes deparamos com Joaquim Silverio, nota dissonante no sublime concerto dos heroes.

Por isso o grande Apostolo da Democracia foi esquartejado brutalmente !

Antithese vergonhosa !

Na França proclamava-se a soberania popular e rolava na guilhotina a cabeça do despota.

No Brazil o despotismo erguia-se feroz, implacavel, sanguinario ; e na força pendia o grande heroe, em cuja fronte gravaram o estigma da infamia porque elle sonhava com a liberdade da sua patria !

Lá, nos arroubos do enthusiasmo, cantava-se a Marselheza, o Te Deum da liberdade.

Aqui resava-se o De Profundis e soavam lugubres os dobres de finados !

O sublime revolucionario não teve sequer uma sepultura para descansar o corpo !

Mas sua alma immortal, coroada pelas bençams da humanidade, repousa no pantheon da gloria.

Sirva-nos de exemplo a vida de Tiradentes.

Denuncia de Joaquim Silverio

«Illm. e Exm. Sr. visconde de Barbacena. — Meu senhor, pela forçosa obrigação que tenho de ser leal vassalo á nossa augusta soberana, ainda apezar de se me tirar a vida, como logo se me protestou na occasião em que fui convidado para a sublevação que se intenta, e promptamente passei a pôr na presença de V. Ex. o seguinte : — Em o mez de Fevereiro deste presente anno, vindo da revista do meu regimento, encontrei no arraial da Lage, o sargento-mór Luiz Vaz de Toledo, e fallando-me em que se botavam abaixo os novos regimentos, porque V. Ex. assim o havia dito, é verdade, que eu me mostrei sentido e queixei-me do sargento-mór, que me tinha enganado, porque em nome da dita senhora se me havia dado uma patente de coronel chefe de meu regimento, e com o qual me

tinha desvelado, em o regular e fardar e grande parte á minha custa, e que não podia levar a paciencia ver reduzido a uma innacção, todo o fructo do meu desvelo, sem que eu tivesse faltas do real serviço, e juntando mais algumas palavras em desafogo da minha paixão. Foi Deus servido, que isto acontecesse, para se conhecer a falsidade que se fulmina. No mesmo dia viemos dormir á casa do capitão José de Rezende, e chamando-me a um quarto particular, de noite, o dito sargento-mór Luiz Vaz, pensando que o meu animo estava disposto para seguir a nova conjuração, pelos sentimentos das queixas que me tinha ouvido, passa o dito sargento-mór a participar-me, debaixo de todo o segredo, o seguinte: — Que o desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, primeiro cabeça da conjuração, havia acabado o logar de ouvidor dessa comarca, e que nesse posto se achava ha muitos mezes nessa villa, sem se recolher a seu logar, na Bahia, com o frivolo pretexto de um casamento, que tudo é idéa, porque, já se achava fabricando leis, para o novo regimen da sublevação, e que se tinha disposto da fórma seguinte. Procurou o dito Gonzaga o partido e união do coronel Ignacio José de Alvarenga, e o padre José da Silva de Oliveira, e outros mais, todos filhos da America, valendo-se para reduzir a outros, do alferes (pago) Joaquim José da Silva Xavier, e que o dito Gonzaga havia disposto da fórma seguinte: e que o dito coronel Alvarenga, havia mandar 200 homens, pés rapados, da Campanha, paragem aonde mora o dito coronel, e outros 200, o dito padre José da Silva, e que haviam acompanhar a estes varios sujeitos, que já passam de 60, dos principaes destas minas, e que estes pés rapados haviam vir armados de espingardas e fouces, e que não haviam vir juntos, por não causar desconfiança, e que estivessem dispersos, porém perto de Villa-Rica, e promptos á primeira voz, e que a senha para o assalto, que haviam ter cartas, dizendo, tal dia é o baptisado, e que podia ir seguros, porque o commandante da tropa, paga, o tenente-coronel Francisco de Paula, estava pela parte do levante, e mais alguns officiaes, ainda que o mesmo sargento-mór me disse, que o dito Gonzaga e seus parciaes, estavam desgostosos pela frouxidão que encontravam no dito commandante, que por essa causa senão tinha concluido o dito levante; e que a primeira cabeça que se havia de cortar era de V. Ex., e depois, pegando-lhe pelos cabellos, se havia de fazer uma falla ao povo, cuja já estava escripta pelo dito Gonzaga, e para socegar o dito povo, se haviam levantar os tributos, e que logo se passaria a cortar a cabeça ao ouvidor dessa villa Pedro José de Araujo, e ao escrivão da junta Carlos José da Silva, e ao ajudante de ordens Antonio Xavier, porque estes haviam seguir o partido de V. Ex., e que, como o intendente era amigo delle dito Gonzaga, haviam ver se o reduziam a seguil-os, quando duvidasse tambem, se lhe cortaria a cabeça. Para esse intento me convidaram, e se me pediu, mandasse vir alguns barris de polvora, e que outros já tinham mandado vir, e que procuravam o meu, por saberem que eu devia a Sua Magestade quantia avultada, e que esta logo me seria perdoada,

e que como eu tinha muitas fazendas, e 200 e tantos escravos, me seguravam fazer um dos grandes ; e o dito sargento-mór me declarou varios entrados neste levante ; e que se eu descobrisse se me havia tirar a vida, como já tinham feito a certo sugeito da comarca do Sabará. Passados poucos dias, fui á villa de S. Jasé, donde o vigario da mesma, Carlos Corrêa, me fez certo, quanto o dito sargento-mór me havia contado, e disse-me mais, que era tão certo, que estando elle dito prompto para seguir para Portugal, para o que já havia feito demissão da sua igreja, e seu irmão, e que com brevidade cá o poderiam fazer feliz, e que por este motivo suspendêra a viagem. Disse-me o dito vigario, que vira já parte das novas leis, fabricadas pelo dito Gonzaga, e que tudo lhe agradava, menos a determinação de manterem a V. Ex., e que elle dito vigario dera o parecer ao dito Gonzaga, que mandasse antes a V. Ex. botar-o do Parahybuna abaixo, e mais á Sra. viscondessa e seus meninos, porque V. Ex. em nada era culpado e que se compadecia do desamparo em que ficava a dita senhora e seus filhos, com a falta de seu pai, ao que lhes respondeu o dito Gonzaga, que era a primeira cabeça, que se havia cortar, porque o bem commum prevalece ao particular, e que os povos que estivessem neutraes, logo que vissem o seu general morto, se uniriam ao seu partido. Fez-me certo este vigario que para esta conjuração trabalhava fortemente o dito alferes, pago, Joaquim José Xavier, e que já naquella comarca tinham unido a seu partido um grande seguito, e que todos haviam partir para a capital do Rio de Janeiro, a dispor alguns sugeitos, pois o seu intento era tambem cortar a cabeça ao Sr. vice-rei, e que já na dita cidade tinham bastante parciaes. Meu senhor, eu encontrei o dito alferes, em dias de Março, em marcha para aquella cidade, e pelas palavras que me disse, me fez certo o seu intento, que levava, e consta-me, por alguns da parcialidade, que o dito alferes se acha trabalhando, isto particularmente, e que a demora desta conjuração, era emquanto senão publicava a derrama ; porém, que, quando tardasse, sempre se faria. Ponho todas estas, tão importantes particularidades, na presença de V. Ex. pela obrigação que tenho da fidelidade, não porque o meu instincto, nem vontade, sejam de ver a ruina de pessoa alguma ; o que espero em Deus, que o bom discurso de V. Ex. ha de acautelar tudo, e dar as providencias, sem perdição dos vassallos. O premio que peço tão sómente a V. Ex. é o rogar-lhe, que pelo amor de Deus, se não perca ninguem. Meu senhor, mais algumas cousas tenho colhido, e vou continuando na mesma diligencia, o que tudo farei ver a V. Ex., quando me determinar. O céo ajude e ampare a V. Ex., para o bom exito de tudo.

Beija os pés de V. Ex., o mais humilde subdito.—*Joaquim Silverio dos Reis*, coronel da cavallaria dos Campos Geraes. — Borda de Campo, 11 de Abril de 1789.»

Nota.— Escripta na Cachoeira, e entregue pessoalmente no dia 16 de Abril.

Questões Grammaticaes

FAZEM HOJE TRES ANNOS, QUE NÃO O VEJO

Diz-se a cada passo nas conversações: — *Fazem* hoje tres annos, que não o vejo: — *Fizeram* hontem tres dias, que adoeceu: — *Com o dia de hoje fazem dous meses*, que sahiu de casa.

Taes locuções encerram erro grosseiro, que fere mortalmente a grammatica.

Entretanto por irreflexão se escrevem taes solecismos, originados por um insidioso plural, que transforma em sujeito o que é realmente o complemento objectivo do verbo.

Uma simples analyse de taes orações confirma o que acabo de dizer.

Segundo o modo erroneo, porque são usadas estas frases, tomando por sujeito o que é complemento directo do verbo, o resultado é absurdo.

Analysemos a locução, erronea: — *Hoje fazem tres annos*, que não o vejo.

Assim exposta. — *Tres annos* é o sujeito do verbo — *Fazem*: — e *hoje* (o dia de hoje) regimen directo.

Mas o resultado da tal analyse é absurdo.

Logo, a verdadeira construcção é: — *Hoje* (o dia de hoje *faz tres annos*), (sujeito, verbo, e paciente). E' como se se dicesse: — *Hoje* (o dia de hoje) *perfaz, completa tres annos*, etc.

Não menor erro é dizer tambem: *Com o dia de hoje fazem tres annos*, etc.

A preposição — *com* — só poderia ser admittida, dando-se outra fórma á proposição, por exemplo: — *Com o dia de hoje se completam tres annos*, etc.

Não terminarei, sem lembrar aos leitores o que elles hão de ter muitas vezes ouvido da bocca do povo, e do povo bem ignorante, quando enuncia proposições semelhantes á que serve de assumpto ao presente artigo.

Não é raro na rude linguagem popular ouvir-se: — *Hoje faz tres dias*, que estou trabalhando; — *domingo faz tres semanas*, que eu sahi da casa, onde estava, — etc., locuções, nas quaes aos irreflectidos parecerá haver solecismo, quando mais não ha do que acerto inconsciente das regras grammaticaes.

ESTUDINHOS DE FRANCÊS

Palestra familiar entre uma professora (d. *Julinha*) e algumas meninas estudiosas (*Annita*, *Iracema*, *Alaïde* e *Naïr*). Discussão entre algumas professoras (*Zuladaïram*, *Aniloroc*, *Yelrednavailuj* e *Ariereprehtse*, etc.)

I

Pronuncia Francêsa

Annita. — Será muito difficil, d. *Julinha*, aprender a falar francês ?

Julinha. — Sim e não. Sim, para os preguiçosos e desmemoriados, e não para os inteligentes e applicados ao estudo.

Iracema. — Quem não vê que *Annita* só deseja aprender praticamente a falar francês ?

Alaïde. — E eu tambem. Pois já ouvi dizer que é muito facil agora aprender-se essa lingua, quer na Escola Normal e no Gymnasio, quer no Instituto do Commercio, quer ainda nos numerosos e bons collegios que já temos aqui, e até com professoras particulares, diplomadas pela Escola Normal.

Naïr. — Mas ouvi dizer-se que no Instituto do Commercio se aprendem linguas praticamente, só decorando vocabulos e phrases, sem regras de grammatica.

Será verdade ?

Iracema. — Assim é que eu desejava aprender, pois tenho horror ás grammaticas, por causa de tantas e tantas regras sem pé nem cabeça.....

Professora. — Pódem aprender-se linguas praticamente, como o fazem em geral muitos de nossos patricios inteligentes, empregados no Commercio. E' questão de memoria e ouvido. Imagine-se, porém, que aprendendo elles com o povo sem cultura, quanto *patoá* não falarão, julgando que falam francês, allemão, inglêz, poláco, etc. !

Iracema. — Na verdade, parecerá isso com a linguagem da giria popular, em que se ouvem phrases como estas — « *Nós vai, elles tenham* — para *mim* ir — prá *nois vortá*....

Annita. — Esta *Iracema* é uma *thesoura* formidavel.

Professora. — Falavam vocês ahi em *giria*. Candido de Figueiredo, em seu excellente « *Nôvo Diccionário da Língua Portuguêsa* », dá — *Jargão*, m. (neologismo) calão ; giria ; linguagem estropiada. (Fr. *jargon*, ant. cast. *girgonz* ; cp. *jeringonça*). Mais tarde veremos o que diz o grande philólogo François Génin sobre o vocabulo *jargon*.

Alaïde. — Bravo ! que assim ficamos logo umas eruditas.....

Profes. — Pois bem ! como vocês todas já prestaram brilhantemente exame de 2º grau e se têm revelado alumnas estudiosas e

inteligentes, offereço-me para lhes ir dando algumas explicações práticas de lingua francêsa.

Todas. — Que bom ! Vamos aprender a falar francês !

Profes. — Devemos começar pela pronúncia, mas estudando as regras estabelecidas. Recordam-se do que se chama *syllaba tónica* ou *predominante* ?

Annita. — Perfeitamente. *Syllaba tónica* ou *predominante*, segundo João Ribeiro em seu utilissimo « Diccionario Grammatical » (1906), é — « aquella em que está o *accento* da palavra : grandeza, *inclito*.

Profes. — Que diz você, Alaïde ?

Alaïde. — Recordo-me (a) que o mesmo dr. João Ribeiro ensina que « o *accento* se tornou o centro da gravidade da palavra. Que o som tem *duração* e *altura*.

« Na duração baseia-se o conceito de quantidade, e neste caso os sons pódem ser longos ou *bréves*, pódem ser pronunciados em maior ou menor espaço de tempo. E' sôbre a *altúra* ou *acuidade* que se baseia o conceito do *accento*. A vogal, e por extensão, a *syllaba* mais intensa, diz-se *tónica*, *accentuáda* ou *syllaba predominante*.

Iracema. — Muito bem, com a sua metaphysica linguistica !

Naïr. — E conclue : « as vogaes e *syllabas* menos intensas ou gráves dizem-se *átonas*.

Annita. — Pensam que eu tambem não estudei tudo isso lá com a grande mestra d. Julia ?

Iracema. — Quem ha que ignore ser essa illustradissima paranaense uma encyclopedia viva ?

Annita. — « Usualmente, a palavra *accento* designa o *accento agúdo* (como '), relativo á *syllaba predominante*.

« Os vocábulos que têm o *accento* na última *syllaba*, dizem-se — *agúdos* : — *café*, *immortal*.

« Os que têm o *accento* na penultima são *gráves* : — *casa*, *verdade*.

« Os que têm o *accento* na ante-penultima são *exdrúxulos* : — *célebre*, *philósopho*, *philólogo*.

Alaïde. — Mas esqueceu-se você da classificação moderna....

Naïr. — Sei : a formada mediante palavras gregas : — *Oxytono* (agúdo), *paroxytono* (gráve) e *proparoxytono* (esdruxulo).

Iracema — Que algaravía ! Não é de balde que João Ribeiro e outros têm *girisa* ou *quisilia* com essas mixordias de grego....

Annita. — Larousse tambem a tem e diz que se dispensava bem toda essa *bagagem* pomposamente intitulada erudíta, formada de palavras gregas.

Iracema. — Si eu pudesse mudava todas as palavras gregas nas da lingua-geral ou *tupi-guarani*, como — *Carióca*, *Itapéva*,

(a) Com os verbos *recordar-se*, *persuadir-se*, etc., ha 2 construcções syntácticas equivalentes ou semanticas — *recordar-se que* — ou *recordar-se de*....

Votuverava, Coritiba, Uberaba, Guarapuáva, Guaratuba (muito guará — *Ibis persica ou rubra*) etc,

Profes. — Recapitulemos, e guardem bem isto na memoria :

Syllaba Tónica

« Toda palavra polysyllábica possúe uma syllaba que na pronúncia sobresáe ás outras syllabas, ex. : *sabão, café, caneta, rápido, insípido.*

« Esta syllaba então se chama *tónica* ou *predominante*, visto que sôa mais alto e mais forte do que as outras da mesma palavra....

Iracema. — Agora sim, estou compreendendo.....

Esta explicação é melhor.

Profes. — Não é minha ; é de notavel professor.

« A syllaba *tónica* póde ser a *última*, a *penúltima* e a *antepenúltima*, e a palavra então se chama *oxytona, paroxytona, propoxytona.*

Palavra quanto á posição da syllaba <i>tónica</i>	}	<i>Oxytona</i> : caixão, ançól. <i>Paroxytona</i> : ovelha, cabeça. <i>Propoxytona</i> : rápido, justissimo.
--	---	--

« As palavras monosyllábicas são sempre *tónicas* ou *atónicas*, visto que pódem ser accentuádas ou inaccentuádas.

« Os monosyllábicos *tónicos* têm sempre um diphtongo, uma accentuação agúda ou circumflexa ou uma consoante equivalente, ex. : *pão, páe, róe, céo, pá, pó, já, dê, vê, Job, dôr, pôr.*»

Alaïde. — Como é clara essa explicação !

Profes. — Vem nas « Lições Elementares da Lingua Portuguesa », do eminente grammatico e philólogo dr. Maciel.

Compreenderam vocês todas o que seja syllaba *tónica* ou *predominante* ?

Alaïde. — Já comprëendi. E' assim, d. Julinha : eu vou fazendo pausa e dando inflexão em *minha voz* e repetindo o que ouvi há dias, da bôcca de um paulista : *O' eistádo dé São Páulo é ó mais rico dó Brásil.*

Naïr. — Si queres criticar os paulistas, citando o falar de algum caipira de Santo Amáro, por exemplo, não te esqueças que os nossos daqui dizem, e até em salões : *dois* em vês de *dôs* — Manoel *dois* Santos. — *Iu* em lugar de — *io* — Elle *viu* o boi passá o *riu* — em vês de — elle *vio* o boi passar o *rio*.

Iracema. — Cumpra *chébôla*, freguês ? — O verdureiru. — *Chinco* conto....

Profes. — Vejo que sabem já distinguir a syllaba *tónica* ou *predominante*, em portugúês.

Façamos agora uma applicação dessa longa theoria ao francês.

Por hoje, vocês guardarão de memoria estas duas régrinhas fundamentaes, em que se resume ou apoia a prosódia francêsa :

1.^a — *Regra* : — A syllaba *tónica* em francês é a última do vocábulo.

Esta é a regra fundamental ; o mais são irregularidades prosódicas.

Ex. : — *Vertu* (virtude), *maison* (*mészôn*), casa ; *il aime* (*i lê-má*), elle amou ; *animal* (*animál*), alimaria, besta ; *Dieu* (*dièu*), Deus ; *panorama* (*pano-ra-má*), panorama.

Iracema. — Bravo ! muito bem ! Já estou ouvindo falar francês. Obrigada, *sêa* mestra.

Profes. — Excepção a essa 1.^a regra: Quando, porém, o vocabulo acaba por *e mudo* (*e muel*), fica *tónica* ou *predominante* a penultima syllaba. Ex. :

Père (*pér'*) pai ; *monde* (*mònd'*) mundo ; *fille* (*filh* ou melhor *fti*), filha ; *mère* (*mér'*), mãi ; *il aime* (*i-lém'*), elle ama : *ils aiment* (*i-zém'*) elles amam ; *je marche*, (*jê marx'*) eu caminho ; *le monde marche* (*l' mond' máx'*).....

Alaïde. — Como se diz em francês — *meu pai, minha mãe ?*

Profes. — *Mon père* (*môn pér'*) *ma mère* (*má mér'*).

Alaïde. — *Môn pér... má mér'...*

Profes. — Perfeitamente.

2.^a Regra : Em francês a syllaba *tónica* jamais vai para a antepenultima do vocabulo.

Iracema. — Então é fácilimo ! Já sei que o francês não tem os *exdrúxulos*, segundo os baïanos.

Profes. — Nem tanto assim ; mas é facil.

Por hoje ficaremos aqui.

Vou dar-lhes um exercicio e amanhã recapitularemos a lição, para estudarmos as regras praticas e tēoricas de phonologia e prosódia quanto á lingua francêsa.

Le livre de l'enfant est joli. La maison du voisin est vaste et commode. Mon père est malade. Ma mère est sage. J'ai mal à la tête. La vertu est aimable.
L' livr' d' lân-fan---té jôli. Lâ mé-zôn du vòa-á-zên é vás---te côm-mód'. Môn pé----r'é malád'. Má mé----r é sáj'. Jê má---lá lá tél'. La vêrtu é----têmábl'.

Au revoir (ô re-vo-ár):

(*Continúa.*)

PALSGRAVE.

Caramurú

Ao presado Amigo Sr. Didio Augusto. Ao poeta e ao litterato.

A resolução do Exm. Sr. Dr. Presidente do Estado, determinando que a Congregação dos Lentes do Gymnasio e da Escola Normal resolva definitivamente quaes os livros que devem ser adoptados nas escolas publicas, suggeriu-me a idéa de escrever algo

sobre a Historia do Brasil de J. M. Lacerda, e o caso de Caramurú, por ella referido.

Interessante e poetico o referido episodio.

Comquanto seja um dos livros que na minha obscura opinião devem ser adoptados nas escolas publicas, é a Historia de Lacerda bastante deficiente na fórma e no fundo.

No capitulo das «aventuras de Caramurú e Ramalho», por exemplo, dá-se como averiguada a ida de Diogo Alvares e sua mulher á França, onde ella foi baptisada com o nome de Catharina em honra da rainha Catharina de Medicis.

Não admira tanto que tal heresia fosse registrada n'um livrinho didactico, mas repugna ver que em edição tão recente, esse erro historico ainda não foi corrigido.

Vejam os a sem razão da affirmativa que vamos rebatendo.

E' sabido que por esse tempo, inglêses, hollandêses, hespanhoes e francêses procuravam apossar-se da colonia portugûesa, e é natural que esta nação não mantivesse relações de amizade com os seus visinhos e especialmente com os francêses, aos quaes os portugûeses chamavam «piratas» e procuravam hostilizar.

Ora, é natural que o minhoto Diogo Alvares, como bom portugûes, não desejasse visitar a França, de preferencia a Portugal, e menos ainda utilizar-se para essa viagem, de um navio francês, e naquella côrte estrangeira fazer baptizar sua mulher com o nome da rainha francêsa.

Se Caramurú tivesse prestado essa homenagem á nação e á rainha de França, não mais poderia viver em boa paz e harmonia com os portugûeses, seus compatriotas, tanto mais que se diz haver elle trazido de França instrucções para facilitar relações entre aquella nação e os indigenas do Brasil.

O jesuita Simão de Vasconcellos foi o primeiro que deu curso a esta heresia historica. Copiaram-no sem criterio nem escrupulo os chronistas Brito Freire, Jaboação, Berredo e Balthazar Telles. Ainda mais: Rocha Pitta, excedendo aos mencionados escriptores, «ornou o episodio com bastantes flores de rhetorica, accrescentando-lhe circumstancias novas e todas de fantasia», e até referiu a mencionada viagem a annos posteriores, para que o naufrago encontrasse em França a rainha Catharina.

Vejam os agora se no tempo em que se diz ter occorrido o naufragio e a decantada viagem de Diogo Alvares á França, se podia ahi realizar o referido baptismo, paranymphado, segundo se diz, pela rainha Catharina, e dando-se a Paraguassú o nome d'aquella.

Anna de Bretanha se chamava a rainha que em França reinou até 1515, e Claudia, mulher de Francisco I, que reinou desde 1515 até 1547, e só então subiu ao throno Henrique II, casado com Catharina de Medicis.

Como, em vista do exposto, conciliar o caso, sem, como diz Rocha Pitta, admittir o absurdo de ter sido a referida viagem realizada muito mais tarde?

De resto, como pondera Pereira da Silva, tanto D. Manoel como D. João III mantiveram em França « agentes officiosos e secretos, em razão dos insultos normandos ás costas do Brasil. »

Em nenhuma das notas destes agentes se depara (nos archivos da Torre do Tombo), a mais leve referencia a essa viagem, e nem mesmo nesse escripto publicado em 1550 em Ruão, e commentado por Ferdinand Denis.

Conclue-se pois que desde 1510 até 5 de outubro de 1557, data esta em que falleceu, não consta absolutamente que Caramurú tivesse ido á Europa, e muito menos á França.

Ha mais a tradição de que Diogo Alvares só foi a Dieppe, afim de legitimar á face da egreja a sua união com a gentil Paraguassú.

Mas então na Bahia aonde vinham ter jesuitas encarregados da catechese dos indios, não podia effectuar-se o casamento religioso de Caramurú? E não é natural tambem que a Paraguassú se desse o nome de Catharina em honra de D. Catharina d'Austria, consorte de D. João III, então reinante em Portugal?

Refutado esse erro historico, falemos um pouco sobre a razão do appellido que a Diogo Alvares deram os indios.

O vocabulo Caramurú, que no dizer de Lacerda significa « *homem de fogo e filho do trovão* », tem na opinião de Pereira da Silva, Mattoso Maia, Porto Seguro, João Ribeiro e outros, a significação de « *dragão do mar* ». Comquanto seja esta a significação mais accetivel, ha ainda a de *homem do fogo*.

Jaboatão diz que o nome *Caramurú Guassú*, equivalente ao de « *moréa grande* », foi posto a Diogo Alvares, por Paraguassú, logo que ella o viu numa das cavidades formadas pelas pedras.»

Achamo-nos, pois, n'um labyrintho de interpretações d'uma unica palavra, sendo, como vimos, o historiador Pereira da Silva, o nosso fio de Ariadne.

Preferimos a sua interpretação, porquanto mais razoavel se nos figura.

Para corrigir mais um erro historico contido na seguinte inscripção, recorramos ainda a Pereira da Silva:

« Sepultura de D. Catharina Alvares Paraguassú, senhora que foi d'esta capitania da Bahia, a qual ella e seu marido Diogo Alvares *Correa*, natural de Vianna, deram aos Srs. reis de Portugal » etc.

« Diogo Alvares (diz o citado historiador), sómente se chamou em vida o naufrago. Como adquiriu augmento de nome? E muito tempo depois de morto? Não será esse sobrenome tão de invenção como o epitaphio que mais de um seculo depois da morte de Paraguassú se lhe collocou em o tumulo e asseverava que ella era rainha e dona da terra, e a cedera á corôa portuguesa? »

Para concluir refiramos ainda uma curiosa tradição a respeito de Diogo Alvares.

Diz a lenda que elle era magro e por isso aguardaram os indios que engordasse para depois o matarem. A essa circumstancia de-

veu elle a sua salvação, pois nesse interim occorreu o conhecido acontecimento do tiro desfechado a uma ave pelo prisioneiro, que desse modo apavorou os indigenas, vindo depois a exercer sobre elles uma influencia completa e profunda.

Cumpra agora aos distinctos Collegas que concordam com P. da Silva, fazerem o que eu costumo, que é verbalmente explicar aos alumnos o facto historico de que ora tratamos, restabelecendo-se assim a verdade a respeito do interessante episodio.

VERISSIMO DE SOUZA.

UMA PAGINA DE LUZ

A praça está deserta. A noite é fria como o gelo.

E enquanto as begonias dormem no conforto das estufas, ha ali uma creatura humana que dorme nas pedras da calçada.

E' um mendigo e um ladrão.

De dia pede esmolas : a noite exige-as. A' hora da missa encontra-se á porta das egrejas, e é mendigo ; á hora do crime encontra-se á esquina das viellas e é ladrão. De dia traz mulêtas ; de noite traz navalha.

Vêde-o. E' uma ignorancia, embrulhada n'um farrapo. Cahio ali como um fardo de miseria, estupidamente, brutalmente mascando pragas.

D'onde veio esse homem ? Da prostituição do lodo anonymo.

A mãe, quando o deu a luz, não vio o fructo do seu amor ; vio a prova do seu crime. Escondeu-o no mysterio como o assassino esconde a sua victima.

E o pai ? Seria um principe ou um condemnado ? E' indifferente.

Em ambos os casos, um bandido.

E, de resto que lhe importa elle ? E' um fructo do chão, um fructo podre.

Vem do estrume e vai para a forca.

Aos dez annos conhecia todos os vicios, ignorando todas as virtudes. Na época em que as creanças roubam ninhos, elle já roubava relógios.

Na idade em que ellas aprendem a lêr, elle aprendia a assoviar.

Os preconceitos e os crimes buscam os cerebros analphabetos, como os morcegos e os chacaes buscam os subterraneos ás escuras.

Ha mais luz nas vinte e quatro lettras do abecedario do que em todas as constellações do firmamento.

Não teve mãe, nem teve pai, não teve berço e não teve escola.

Germinou como um tortulho venenoso.

A lama ensanguentada da miseria tem destas gerações espontaneas !...

Aos quinze annos deixou de ser gatuno para começar a ser ladrão.

Já não tirava lenços para algibeira ; tirava libras das gavetas. No principio entrava pelas portas, depois chegou a entrar pelos telhados.

Progredio de tal modo, que na idade em que se recebe na egreja a primeira communhão, elle recebia no tribunal a primeira sentença. Seis annos de cadeia, uma formatura em ladronagem.

Quando entrou levava uma gazúa ; quando sahio trouxe uma navalha, foi rapazola e veio tigre.

A cadeia engolio um malandro e vomitou um assassino. Aperfeiçoou-o no roubo e leccionou-o na facada.

D'ahi em diante distribuio o seu tempo deste modo : tres annos nas galés e tres mezes na taberna.

Um assassino sae muitas vezes de uma garrafa.

O vinho, propriedade tenebrosa !... combina-se com o sangue.

A' bebedeira seguiu-se a indigencia. Naquelle cerebro de perversidade passou um terremoto de loucura.

Por fim ali o tendes. E amanhã, a estas horas, quem sabe ! estará talvez n'uma guilhotina, dentro de uma cova, no fundo de um rio.

O cutello, a miseria e o suicidio disputam-o entre si : tres abutres á espera de um cadaver.

Philantropos sociaes, respondei-me a isto. As vossas estatisticas dizem — a instrucção diminue a perversão, quer dizer, o alphabeto diminue o crime.

O crime é uma doença da alma, como uma pneumonia é uma doença dos pulmões.

Para a doença ha um remedio, e para o envenenamento ha um antidoto. Como se deita abaixo uma cadeia ? Acotovelando-a com uma escola.

O professor ha de eliminar o carcereiro.

A luz absorve os miasmas dos espiritos, como os arvoredos os miasmas dos pantanos.

No homem ha duas cousas—o instincto, que é um cego, e a consciencia que é um pharol.

As consciencias são as sentinellas dos instinctos. A razão é a domadora dos appetites.

Ora muito bem, senhores economistas philantropos.

Si as vossas estatisticas com a exactidão precisa de um thermometro, vos declaram que a instrucção faz baixar a criminalidade de cincoenta, quarenta, vinte por cento que seja; se ellas vos affirmam, repito, essa verdade indiscutivel, respondei-me claramente, honradamente, á pergunta que vos faço.

Dentro de uma cadeia ha cem analphabetos. Se a sociedade os tivesse ensinado a soletrar, esses cem crimes ficariam reduzidos a 80.

Quem é pois responsavel pelos outros vinte ? A sociedade.

Si não admittis a conclusão, rasgai as estatisticas ; se admittis, como creio, fazei o seguinte :

Condemnai o monstro a ser mettido n'uma escola.

Condemnai o vadio a ser mettido n'uma officina.

E condemnai a sociedade que dê instrucção a todas as creanças, e dê trabalho todos os famintos, applicando-se mais a evitar os assassinos, do que a regenerar os assassinos.

GUERRA JUNQUEIRO.

P A T R I A

A Patria não é ninguém : são todos, e cada qual tem no seio della o mesmo direito á idéa, á palavra, á associação.

A Patria não é um systema, nem um monopolio, nem uma forma de governo ; é o céo, o sól, o povo, a tradição, a consciencia, o lar, o berço dos filhos e o tumulto dos antepassados, a communhão da lei, da lingua e da liberdade.

Os que a servem são os que não invejam, os que não infamam os que não desalentam, os que não emmudecem, os que não acobardam ; mas resistem, mas resignam, mas esforçam, mas pacificam, mas discutem, mas praticam justiça, a admiração e o enthusiasmo.

Porque todos os sentimentos grandes são benignos, e residem originariamente no amor. No proprio patriotismo armado, a mais difficil da vocação e a sua dignidade, não está no matar, mas no morrer. A guerra, legitimamente, não póde ser o exterminio, nem a ambição ; é simplesmente a defesa.

Além desses limites, seria um flagello barbaro, que o patriotismo repudia.

RUY BARBOSA.

SUA MAGESTADE

O ALCOOL

(CATULLE MENDÉS)

Conheces-me ?... Eu sou o principe de todas as alegrias, o companheiro de todos os gosos modernos, o mensageiro da morte, o principe que governa o mundo.

Estou presente em todas as cerimoniaes e nenhuma reunião tem logar sem a minha presença.

Fabrico os crimes, foço nascer nos corações os pensamentos maus, mancho os logares, sou pae dos filhos sem pae, enveneno a raça, trago o envelhecimento, a depravação, os suicidios, a loucura, o crime em todas as suas fórmias imaginaveis.

Acabo com as familias, persigo os avós nos netos, faço perder a vergonha, a dignidade, a honra, a boa educação.

Ponho um véo sobre os olhos, sobre a consciencia, e faço apparecer o crime como vingança, a abjecção como dignidade, a immoralidade como passa-tempo, o adulterio como conquista galante.

Tenho ganho mais victorias que Alexandre, hei jungido mais povos a meu carro que Roma, hei dominado mais povos que Atila.

Faço que os maridos se riam da infidelidade da esposa alheia, trabalhando, vicioso para a ruina de sua propria pessoa; por minha causa, os moços e os velhos se divertem, fazendo epigrammas contra a moral.

Faço deputados, obtenho-lhes para que façam leis que augmentem meu reino que é toda a terra.

Aspiro a converter o mundo em um hospital, em um manicomio, em um circo, onde estejam encerrados tigres, asnos, porcos, falcões, e abutres; quero sangue, desolação, ruinas, leviandades, rancores, guerras, desesperos e blasphemias!

Estou em todas as partes; conheço as frias regiões da Laponia e Siberia, as ardentes regiões do Egypto e da Libya; tenho origem no trigo, no arroz, no milho, na cevada, no succo da uva, na vide, no leite; minha patria é a terra, meus escravos os homens, o que me envia, o principe do mal.

Sei que me conheceis, porém não quereis declarar meu nome, porque todavia vos resta o pudor dos homens, já que haveis perdido o dos factos.

Eu sou vosso rei!

Eu sou... D. Alcool!

Noticiario

Dr. Vicente Machado

E' com desvanecimento e orgulho que registramos aqui o facto honroso de ter o preclaro Paranaense que rege os destinos desta terra acceitado o titulo de presidente honorario do Gremio dos Professores Publicos do Paraná, pelo mesmo conferido a S. Ex. em attenção aos relevantissimos serviços por elle prestados á causa da instrucção publica do Paraná.

A benevola acquiescencia do illustrado Dr. Presidente do Estado e os votos que faz S. Ex. pelo engrandecimento e prosperidade da nossa modesta sociedade, são para nós motivo de orgulho.

O Gremio dos Professores do Paraná faz votos para que das plagas distantes volte S. Ex. com a sua preciosa saude completamente restabelecida.

Estatutos

Com o 2º numero da «Escola» foram distribuidos os Estatutos do Gremio.

Por acharmos interessante publicamos o seguinte documento antigo, referente á nomeação, quiçá, do primeiro professor publico de Coritiba :

« Para o Secretario d'Estado sobre ficar na intellig.ª de prover a Antonio X.^{er} Fer.^{or} na Cad.^{ra} de ler e escrever na V.^a de Coritiba.

« Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. — Recebi o Off.^on.^o 4 de 20 de Julho de 1799, pelo qual se me ordena prôva a Antonio Xavier Ferreira na Cadeira de ler e escrever, q.' exercia ; fico na intelligencia de assim o executar logo q' cheguem as informaçõens q' sobre a sua conducta e exacção, mandei tirar a V.^a de sua rezidencia, D.^s g.^o a V. Ex.^a S. Paulo 4 de Fevr.^o de 1800. Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr'. D. Rodrigo de Sousa Coutinho. *Antonio Manoel de Mello Castro e Mendonça.*

Edificios escolares

O conselho de educação da Provincia de Buenos Aires auctorisou o director geral das escolas a despende 70.000 pesos com a construcção de edificios escolares nos districtos onde foram feitas doações de terrenos.

E' de edificio dessa especie que precisamos. As nossas escolas, infelizmente, com raras excepções,funcionam em salas particulares, quasi todas de pequenas dimensões, faltas de luz, de ar e de outros elementos necessarios ao local, onde dezenas de crianças permanecem quotidianamente durante as 5 horas determinadas pelo Regulamento para a apprendizagem.

Trabalhos escolares

De conformidade com o art. 27 do Regimento Interno das Escolas Publicas, a começar de 1º de Maio até o ultimo dia de Setembro, os trabalhos escolares começarão as 10 horas da manhã, terminando ás 3 horas da tarde.



EXPEDIENTE OFFICIAL

DECRETOS :

N. 82, de 7 de Março, auctorisando as normalistas D. Donayde Carmeliano de Miranda, da 9.^a cadeira promiscua da Capital, e D. Julia Seiler, da cadeira promiscua de Morretes, a permutarem suas cadeiras.

—Ns. 83 e 84 de igual data, concedendo trinta dias de licença á professora do Rio Negro, D. Othilia Grein Santos, e tres mezes ao professor de Bella Vista de Palmas, Eugenio dos Santos Justen.

— Pelo decreto n. 85 de 8 de Março, foram dispensados os professores provisorios seguintes : — D. Edeltrudes Freire, da escola promiscua da villa de Jacarézinho ; d. Maria Domingues Vieira, da de igual categoria da colonia Joannisdorf, municipio da Lapa ; d. Ernestina Venhardt Kuss, da de igual categoria da colonia Wirmond, do mesmo municipio ; d. Jenuina Tapitanga, da de igual categoria do povoado Rio Sagrado, municipio de Morretes ; d. Clara Mercedes Maia, da de igual categoria do nucleo Taunay, municipio de Paranaguá ; d. Julia de Souza Quadros, da de igual categoria do povoado Rio Claro, municipio de S. João do Triumpho ; d. Gabriella Guniving, da de igual categoria do povoado Jaboticabal, municipio de S. José da Bôa Vista ; d. Escolastica Silveira Miró, da de igual categoria do povoado Balsa Nova, municipio de Campo Largo ; Maximiano Schmidt, da do povoado Rio Preto, municipio de Rio Negro e Eloy Rodrigues de Andrade, da do povoado Catanduva, municipio de Castro.

— Decreto n. 86 de 8 Março : — O Presidente do Estado do Paraná remove o professor da 4.^a cadeira para o sexo masculino desta capital, Vidal Natividade da Silva, para a da villa da União da Victoria, que está vaga. Outrosim, resolve converter em promiscua a cadeira para o sexo masculino da colonia Antonio Prado, municipio de Colombo, que está vaga, e remove para ella a professora do povoado Taquatuva, municipio de Curitiba, d. Paulina Carolina Alves.

— Decreto n. 87 de 8 de Março : — O Presidente do Estado do Paraná nomeia as normalistas d. Helena Xavier e d. Lucia Arouca Laynes para regerem effectivamente, esta a 2.^a cadeira para o sexo feminino da cidade de Paranaguá, que se acha vaga, e aquella a cadeira promiscua do povoado do Taquatuva, municipio de Curitiba, tambem vaga pela remoção de d. Paulina Carolina Alves.

— Decreto n. 88 de 8 de Março : — O Presidente do Estado do Paraná resolve remover a professora d. Thereza Lazzaroto, da cadeira promiscua do povoado Roça Nova, municipio de Deodoro, para a de igual categoria da colonia Joannisdorf, municipio da Lapa. Remove, outrosim, a professora normalista d. Maria Elisa da Silva Fumagalli para a referida cadeira do povoado Roça Nova.

— Decreto n. 89 de 8 de Março: — O Presidente do Estado do Paraná remove para a cadeira do povoado Juvêvê, municipio de Coritiba, occupada pela normalista d. Maria Eliza da Silva Fumagalli, a professora da 3^a cadeira para o sexo feminino desta capital, d. Luiza Netto Corrêa de Freitas. Outrosim, nomeia para reger effectivamente esta ultima cadeira a professora normalista d. Esther Pereira.

— Decretos ns. 82 e 93 de 9 de Março: — O Presidente do Estado do Paraná resolve remover a professora da cadeira promiscua de Paranaguá, d. Consuelo Deslandes de Souza, para a de igual categoria do povoado Rocio Grande, que está vaga, a qual d'ora em diante funcionará no Porto d'Agua, pertencente ao municipio d'aquella cidade. Outrosim, resolve converter a referida cadeira, occupada por aquella professora em Paranaguá, em cadeira para o sexo masculino, sendo para ella removido o normalista Carlos de Carvalhaes Pinheiro Sobrinho, que rege a cadeira da cidade de Castro.

— O Presidente do Estado do Paraná resolve remover o professor normalista Julio Theodorico Guimarães, da cadeira da cidade de Paranaguá, para a 4^a cadeira para o sexo masculino d'esta capital. Outrosim, nomeia o professor normalista Jorge Mansos do Nascimento Teixeira, para reger effectivamente a referida cadeira de Paranaguá.

— Foi creado um curso agronomico, conforme se verificará da lei seguinte n. 632 de 14 de Março:

Art. 1.^o Fica o Poder Executivo auctorizado a crear nesta cidade, annexo ao Instituto Commercial, um curso agronomico, comprehendendo além do estudo pratico das linguas ministradas n'aquelle estabelecimento, uma aula de Agronomia e exercicios praticos correspondentes, que se effectuarão num campo de experiencias.

Art. 2.^o Fica creado um logar de professor para a nova cadeira e seu complemento pratico, percebendo vencimentos annuaes identicos aos dos demais professores do Instituto.

Art. 3.^o Fica o Poder Executivo auctorizado a nomear, provisoriamente, pessôa reconhecidamente habilitada para preenchimento da nova cadeira, bem como os auxiliares que julgar convenientes.

Art. 4.^o O Poder Executivo expedirá o competente regulamento, de modo a dividir o Instituto que se denominará então Commercial e Agronomico, tendo uma parte commum que será constituida pelo estudo das linguas.

Art. 5.^o O Poder Executivo fica, desde já, auctorizado a abrir os necessarios creditos para o estabelecimento desse curso, aquisição do terreno e dos instrumentos indispensaveis para o campo de experiencias.

Art. 6.^o Revogam-se as disposições em contrario.

